

Harlan Coben

Fique comigo





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para
meus tios Diane e Norman Reiter,
Ilene e Marty Kronberg,
com amor e gratidão.*

capítulo 1

ÀS VEZES, NA FRAÇÃO DE SEGUNDO em que Ray Levine tirava uma foto e o mundo se perdia no clarão de seu flash, ele via sangue. Sabia, é claro, que era apenas sua imaginação, mas de vez em quando, como naquele instante, a visão parecia tão real que ele precisava baixar a câmera e dar uma boa olhada no chão à sua frente. O momento terrível – em que sua vida mudara completamente, em que ele deixara de ser um homem com futuro e ambições para se transformar em um grande fracassado – nunca o visitava em seus sonhos ou quando ele estava sozinho no escuro. As visões devastadoras esperavam até que ele estivesse bem acordado, cercado de pessoas, ocupado com aquilo que alguns poderiam chamar, sarcasticamente, de trabalho.

Por sorte, as imagens desapareceram à medida que Ray continuava a fotografar o garoto que celebrava seu bar mitzvah.

– Olhe para cá, Ira – gritou Ray por trás de sua lente. – Quem foi o estilista que criou sua roupa? É verdade que Jennifer Aniston e Angelina Jolie ainda estão brigando por você?

Alguém deu um chute na canela de Ray. Outra pessoa o empurrou. Ele continuou a tirar fotos.

– Onde vai ser a continuação da festa, Ira? Quem vai ter o privilégio da primeira dança com você?

Ira Edelstein franziu a testa e protegeu o rosto da câmera. Ray se lançou para a frente, sem se deixar intimidar, fotografando de todos os ângulos possíveis.

– Saia da frente! – gritou alguém.

Ray foi empurrado novamente e tentou recuperar o equilíbrio.

Clique, clique, clique.

– Malditos paparazzi! – exclamou Ira. – Será que não posso ter um minuto de paz?

Ray revirou os olhos, mas não recuou. O sangue reapareceu por trás da lente. Ele tentou afastar a visão, mas ela não queria ir embora. Continuou pressionando o obturador. Ira, o Garoto do Bar Mitzvah, se movia em câmera lenta sob a luz estroboscópica.

– Parasitas! – gritou Ira.

Ray se perguntou se era possível descer mais fundo que isso.

Quando levou outro chute na canela, soube qual era a resposta: não, não era.

O “guarda-costas” de Ira – um sujeito enorme com a cabeça raspada cha-

mado Fester – empurrou Ray para o lado com o braço, que era da grossura de um tronco de árvore. O brutamontes exagerou um pouco na medida e quase o derrubou. Ray lançou um olhar de “Qual é?” para Fester, que fez um “Desculpe” silencioso com a boca.

Fester era o chefe de Ray, seu amigo e dono da Celeb Experience: Paparazzi de Aluguel – um negócio que era exatamente o que o nome dizia. Ray não perseguia celebridades para conseguir fotos comprometedoras e vendê-las para tabloides, como um paparazzo de verdade. Não, ele estava abaixo disso. O que oferecia era a “experiência da fama” a aspirantes a celebridades dispostos a pagar. Em suma, os clientes (em sua maioria com problemas de autoestima e, provavelmente, disfunção erétil) contratavam paparazzi para persegui-los e tirar fotos suas, o que lhes proporcionava, como dizia o folheto, a “genuína experiência de ser famoso com seus próprios e exclusivos paparazzi”.

Ray achava que talvez até pudesse descer mais fundo, mas não sem uma última intervenção divina.

A família Edelstein havia contratado o Megapacote Supercelebridade: duas horas com três paparazzi, um guarda-costas, um repórter e um microfonista, todos perseguindo Ira, a “celebridade”, e tirando fotos suas como se ele fosse Charlie Sheen entrando às escondidas em um monastério. O pacote também incluía um DVD de lembrança sem custo adicional e uma revista de fofoca de mentirinha com seu rosto e uma manchete personalizada estampados na capa.

O preço do Megapacote Supercelebridade?

Quatro mil dólares.

Respondendo à pergunta óbvia: sim, Ray se odiava.

Ira passou por eles aos empurrões e desapareceu dentro do salão de festas. Ray baixou a câmera e olhou para os dois outros paparazzi. Nenhum deles tinha um *F* de fracassado escrito na testa porque, francamente, seria uma redundância.

Ray conferiu as horas.

– Droga – disse ele.

– Que foi?

– Ainda faltam 15 minutos para acabar.

Seus colegas – tão burros que mal deviam conseguir soletrar seus próprios nomes – resmungaram. Mais 15 minutos. Isso significava entrar e fazer a “cobertura” da apresentação. Ray detestava aquilo.

O bar mitzvah estava acontecendo em Wingfield Manor, um salão de festas de incrível mau gosto que, guardadas as devidas proporções, poderia muito bem passar por um dos palácios de Saddam Hussein. Havia candelabros, espelhos, marfim falso, madeira trabalhada e montes de tinta dourada reluzente.

A visão do sangue voltou a aparecer diante de seus olhos. Ele piscou para afastá-la.

O evento era a rigor. Os homens pareciam exaustos e ricos. As mulheres, bem cuidadas e cirurgicamente melhoradas. Ray abriu caminho pela multidão usando calça jeans, um blazer cinza amarrotado e tênis pretos de cano alto. Vários convidados o olharam como se ele tivesse acabado de fazer cocô em seus talheres de salada.

Havia uma banda com 18 músicos e um “animador”, cuja função parecia ser incentivar os convidados a se divertirem a todo custo. Imagine um péssimo apresentador de programa de auditório. Ele pegou o microfone e disse, como se fosse anunciar a entrada de um boxeador no ringue:

– Senhoras e senhores, por favor deem as boas-vindas a ele, em sua primeira aparição após receber a Torá e alcançar a maioridade... o inigualável... Ira Edels-tein! Por favor, uma salva de palmas!

Ira apareceu com duas... Ray não sabia bem como chamá-las, mas talvez a melhor expressão fosse “strippers de luxo”. As duas gostosonas escoltaram Ira para dentro do salão com seus decotes. Ray preparou sua câmera e se lançou para a frente, balançando a cabeça. O garoto tinha 13 anos. Se mulheres como aquelas sequer chegassem perto de Ray quando ele tinha aquela idade, ele ficaria uma semana inteira de pau duro.

Ah, a juventude...

Todos aplaudiram com entusiasmo. Ira deu um tchauzinho majestoso para a multidão.

– Ira! – gritou Ray. – Essas são suas novas beldades? É verdade que você pretende acrescentar uma terceira ao seu harém?

– Por favor – disse Ira em um tom bem ensaiado de lamúria –, eu tenho direito a privacidade!

Ray conseguiu não vomitar.

– Mas seus fãs querem saber!

Fester, o Guarda-Costas de Óculos Escuros, colocou uma pata gigante em cima de Ray, abrindo passagem para Ira. Ray tirou uma foto, fazendo o flash disparar. A banda começou a tocar a música da moda das festas, “Club Can’t Handle Me”, no último volume. Em que momento as cerimônias de casamento e de bar mitzvah tinham passado a tocar música na altura de um show de rock? Ira começou uma dança indecente com as duas acompanhantes de aluguel. Então seus amigos da mesma idade entraram na brincadeira, lotando a pista de dança e pulando freneticamente. Ray “brigou” para passar por Fester, tirou mais algumas fotos e conferiu as horas.

Mais um minuto.

– Paparazzi de merda!

Outro pontapé na canela de algum idiota em miniatura.

– Ai, cacete, essa doeu!

O idiota saiu correndo. *Nota mental*, pensou Ray: *passar a usar caneleiras*. Ele olhou para Fester como se implorasse por misericórdia. O chefe o liberou com um gesto da cabeça, chamando-o para um canto. O lugar estava barulhento demais, então eles saíram do salão.

Fester apontou lá para dentro com seu polegar enorme.

– O garoto se saiu muito bem na leitura da haftarah, não é?

Ray se limitou a encará-lo.

– Tenho um trabalho para você amanhã – continuou ele.

– Que maravilha. O que é?

Fester desviou o olhar.

Ray não gostou nada daquilo.

– Ai... – falou ele.

– É George Queller.

– Ah, meu Deus.

– Pois é. E ele quer o de sempre.

Ray suspirou. George tentava impressionar as garotas com que saía pela primeira vez deixando-as atordoadas e, em última análise, apavoradas. Contratava a Celeb Experience para infernizar a vida dele e de seu par – no mês anterior, por exemplo, tinha sido uma mulher chamada Nancy – enquanto os dois chegavam a um pequeno e romântico bistrô. Uma vez lá dentro, a mulher se deparava com – é sério – um cardápio personalizado que dizia: “O primeiro de muitos jantares de George e Fulana”, com endereço, dia, mês e ano impressos abaixo. Quando saíam do restaurante, os paparazzi de aluguel já estavam a postos, tirando fotos e querendo saber como George tinha tido coragem de recusar um fim de semana nas ilhas Turcos e Caicos com Jessica Alba para ficar com a adorável (e a essa altura apavorada) Fulana.

George achava que essa encenação romântica seria o prelúdio de uma linda e eterna história de amor. Nancy e as outras achavam que seria o prelúdio de uma noite em um galpão abandonado com uma mordança na boca.

Ele nunca chegava ao segundo encontro com mulher nenhuma.

Fester finalmente tirou seus óculos escuros.

– Quero que você seja o chefe da equipe neste trabalho.

– Paparazzo-chefe – corrigiu Ray. – Melhor eu ligar para minha mãe, para ela poder se vangloriar no grupo de baralho.

Fester deu uma risadinha.

– Você sabe que eu te amo.

– Só isso?

– Só.

Ray guardou a câmera com cuidado, separando a lente do resto do equipamento, e jogou o estojo por cima do ombro. Então foi mancando em direção à porta, por conta não dos chutes, mas do estilhaço em seu quadril – aquele que marcara o início do seu declínio. Não, isso seria simplificar demais as coisas. O estilhaço era uma desculpa. Em algum momento de sua vida patética, Ray tivera um potencial praticamente ilimitado. Ele se formara na faculdade de jornalismo da Universidade Columbia, demonstrando o que um professor chamou de “um talento quase sobrenatural” (que agora ele desperdiçava) na área do fofojornalismo. Mas, no fim das contas, essa vida não tinha dado certo para ele. Algumas pessoas atraem problemas. Algumas pessoas, por mais fácil que seja o caminho reservado para elas na vida, encontram uma maneira de estragar tudo.

Ray Levine era uma delas.

Estava escuro lá fora. Ele se perguntou se seria melhor ir direto para casa e se enfiar na cama ou dar um pulo no Tétano, um bar tão pé-sujo que tinha recebido esse nome. Difícil decidir com tantas opções à disposição.

Ele voltou a pensar no cadáver.

As visões retornaram com toda a força. Era compreensível, imaginava ele. Aquele dia era justamente o aniversário do fim de tudo, de quando todas as esperanças de um final feliz tinham morrido como... bem, a metáfora mais óbvia envolveria as visões em sua cabeça, não é mesmo?

Ele franziu a testa. *Dá para maneirar no melodrama, Ray?*

Tinha esperado que aquele trabalho idiota fosse tirar a imagem de sua mente. Não adiantara. Lembrou-se do próprio bar mitzvah, do momento no púlpito, em que seu pai se agachou para lhe sussurrar no ouvido. Lembrou-se de como seu pai cheirava a desodorante; do carinho com que ele segurou sua cabeça; de como, com os olhos marejados, disse apenas: “Eu te amo muito.”

Ray afastou o pensamento. Era menos doloroso pensar no cadáver.

Os manobristas quiseram cobrar dele (pelo jeito, não existia mais cortesia profissional), então Ray tinha encontrado uma vaga a três quarteirões de distância, numa rua transversal. Ele dobrou a esquina e lá estava ele – sua lata-velha, o Honda Civic de 12 anos com um para-choque faltando e a janela lateral sustentada por um pedaço de fita adesiva. Ray coçou o queixo. Estava com a barba por fazer. Barba por fazer, 40 anos, uma lata-velha na garagem, um apartamento de subsolo que, se passasse por uma reforma pesada, talvez pudesse ser chamado

de espelunca, nenhuma perspectiva, bebendo mais do que devia. Poderia lamentar a própria vida, mas, pensando bem, para isso teria que se importar com ela.

Ray estava pegando a chave do carro no bolso quando levou uma pancada forte na nuca.

Mas o que...?

Ele despencou com o peso em um dos joelhos. Tudo ficou escuro. O formigamento subiu pelo seu couro cabeludo. Ray ficou desorientado. Tentou balançar a cabeça, para clareá-la.

Outro golpe perto da têmpora.

Algo dentro de sua cabeça explodiu em um clarão e ele se estatelou no chão. Deve ter perdido a consciência – não soube ao certo –, mas de repente sentiu um puxão no seu ombro direito. Por alguns instantes, ficou simplesmente caído ali, com o corpo mole, incapaz ou sem vontade de resistir. Sua cabeça girava de dor. O lado primitivo de seu cérebro, sua parte animal mais básica, havia entrado no modo de sobrevivência. Evite mais sofrimento, dizia sua mente. Encolha-se e se proteja.

Outro puxão quase deslocou seu ombro. Em seguida, a agressão ficou mais fraca, como se a pessoa o estivesse soltando. De repente, entendeu o que estava acontecendo e abriu os olhos.

Alguém estava roubando sua câmera.

Era uma Leica clássica, atualizada recentemente com um recurso de envio digital. Ray sentiu seu braço ser erguido no ar e a alça do estojo passar por ele. Dali a um segundo, não mais que isso, a câmera seria levada embora.

Ray não possuía muita coisa. Sua câmera era o único bem ao qual ele realmente dava valor. Era seu ganha-pão, é claro, mas também era seu último elo com seu velho eu, com a vida que ele tinha antes do sangue, e nem sonhando iria desistir disso sem lutar.

Tarde demais.

A alça já havia se soltado do seu braço. Ele se perguntou se teria outra oportunidade, se o ladrão iria tentar pegar os 14 dólares em sua carteira e lhe dar uma última chance. Mas não podia esperar para ver.

Com a cabeça ainda girando e os joelhos trêmulos, Ray gritou “Não!” e tentou se lançar contra o criminoso. Chocou-se contra algo, talvez pernas, e se esforçou para envolvê-las com seus braços. Não conseguiu segurar firme, mas o impacto foi suficiente.

O assaltante foi ao chão. Ray também, aterrissando de barriga. Ouviu o barulho de algo caindo e torceu desesperadamente para não ter quebrado a própria câmera. Piscou várias vezes, tentando abrir os olhos por completo. Só conse-

guiu abri-los em parte e viu o estojo da câmera a menos de um metro de distância. Tentou se arrastar na direção dele, mas nesse momento viu duas coisas que fizeram seu sangue gelar.

A primeira foi um taco de beisebol no asfalto.

A segunda, e mais preocupante, foi a mão enluvada de alguém pegando-o.

Ray tentou erguer os olhos, mas foi inútil. Lembrou-se do acampamento de verão que seu pai administrava quando ele era criança. Seu pai (todos os campistas o chamavam de tio Barry) costumava organizar uma brincadeira em que você tinha que segurar uma bola de basquete acima da sua cabeça e girar ao redor do eixo do próprio corpo o mais rápido possível, sempre olhando para a bola. Então, completamente tonto, você precisava atravessar toda a quadra e fazer uma cesta. O problema era que você ficava tão tonto que caía para um lado enquanto a bola ia para o outro. Era assim que ele se sentia naquele instante, como se estivesse tombando para a esquerda enquanto o resto do mundo pendia para a direita.

O ladrão levantou o taco de beisebol e começou a ir em sua direção.

– Socorro! – gritou Ray.

Ninguém apareceu.

Ele foi invadido pelo pânico. Um instinto de sobrevivência primitivo desencadeou sua próxima reação: fugir. Ele tentou se levantar, mas isso ainda estava fora de cogitação. Ray já estava nas últimas. Mais um golpe, mais uma pancada daquele taco de beisebol...

– Socorro!

O agressor deu dois passos em sua direção. Ray não tinha escolha. Ainda de bruços, saiu se arrastando como um caranguejo ferido. Ah, ótimo plano, com certeza iria dar certo. Sem dúvida ele seria rápido o suficiente para manter distância do maldito taco. O desgraçado já estava quase em cima dele. Ray não tinha a menor chance.

Seu ombro bateu contra alguma coisa e ele notou que era seu carro.

Viu o taco se erguer no ar acima de sua cabeça. Dentro de um segundo, talvez dois, seu crânio seria esmigalhado. Só havia uma chance, e ele a aproveitou.

Virou a cabeça para o lado direito, colando a bochecha ao asfalto. Achatou seu corpo o máximo possível e deslizou para baixo do carro.

– Socorro! – tornou a gritar. Então, dirigindo-se ao assaltante: – Só pegue a câmera e dê o fora daqui!

Foi o que o ladrão fez. Ray ouviu os passos se afastando pela rua. Simplesmente maravilhoso. Tentou sair de baixo do carro. Sua cabeça atrapalhou, mas ele conseguiu. Ficou sentado no chão, recostado contra a porta do carona. Con-

tinuou assim por alguns instantes. Impossível saber quanto tempo. Talvez tivesse até desmaiado.

Quando se sentiu capaz, Ray xingou o mundo inteiro, entrou no carro e deu a partida.

Que estranho, pensou. No aniversário do acontecimento que culminara em todo aquele sangue, ele quase tinha acabado com litros do seu próprio espalhados pelo chão. A coincidência o fez abrir um meio sorriso. Enquanto saía com o carro, essa expressão começou a sumir de seu rosto.

Uma coincidência. Isso mesmo, só uma coincidência. Nem tão grande assim, pensando bem. A noite do sangue tinha sido 17 anos atrás – nem chegava a ser uma boda de prata ou algo parecido. Ele já fora assaltado antes. No ano anterior, havia sido roubado depois de sair bêbado de uma boate de striptease às duas da manhã. O imbecil levava sua carteira e fora embora com sete dólares e um cartão de descontos de uma rede de farmácias.

Ainda assim...

Ray encontrou uma vaga em frente ao edifício geminado que chamava de lar. Ele alugava o apartamento do subsolo. O proprietário, um imigrante paquistanês de nome Amir Baloch, também morava no prédio com a esposa e quatro filhos bastante barulhentos.

Ray resolveu supor por um instante, só por um instante, que não tivesse sido coincidência.

Saiu do carro. Sua cabeça ainda latejava. E seria pior no dia seguinte. Ele desceu a escada depois das latas de lixo até a porta abaixo do nível da rua e enfiou a chave na fechadura. Ficou quebrando a cabeça, tentando imaginar alguma relação – por menor, mais frágil e obscura que fosse – entre aquela trágica noite de 17 anos atrás e o assalto que acabara de sofrer.

Nada.

Tinha sido um roubo, nada mais que isso. Alguém dá uma porrada na cabeça de um sujeito com um taco de beisebol, pega a câmera dele e sai correndo. Mas não faria mais sentido roubar também a carteira do sujeito? Ou será que tinha sido o mesmo cara que o havia assaltado perto daquela boate de striptease e ele lembrava que naquela vez Ray só tinha sete dólares? Ora, talvez fosse essa a coincidência. Esqueça a sincronia e o aniversário. O assaltante podia ser o mesmo de um ano antes.

Caramba, ele estava fazendo uma confusão enorme. Onde estava o maldito analgésico?

Ray ligou a TV e foi para o banheiro. Quando abriu o armário de remédios, uma dúzia de frascos e outras coisas caiu na pia. Ele revirou a bagunça e encon-

trou a embalagem que queria. Pelo menos esperava que fosse. Havia comprado os comprimidos no mercado negro, de um cara que dizia contrabandeá-los do Canadá. Até onde Ray sabia, poderiam ser vitaminas para crianças.

Na TV estava passando o noticiário, que mostrava algum incêndio nas redondezas. O repórter perguntava aos moradores da região o que eles pensavam do acontecido, porque, obviamente, saber o que a população acha é que leva às maiores revelações. O celular de Ray tocou. Ele viu o número de Fester na tela.

– Que foi? – disse ele, deixando-se cair no sofá-cama.

– Sua voz está horrível.

– Fui assaltado assim que saí do bar mitzvah.

– Sério?

– Sério. Me acertaram na cabeça com um taco de beisebol.

– Roubaram alguma coisa?

– Minha câmera.

– Espere um instante, você perdeu as fotos de hoje?

– Não, não se preocupe – falou Ray. – Eu estou bem, de verdade.

– Por dentro eu estou morrendo de preocupação. Só perguntei sobre as fotos para disfarçar minha dor.

– Ainda estou com elas – disse Ray.

– Como?

Sua cabeça doía demais para explicar. Além disso, o barato do analgésico já estava começando a pegá-lo de jeito.

– Não se preocupe. Elas estão em um lugar seguro.

Alguns anos antes, quando Ray trabalhara por um tempo como paparazzo “de verdade”, ele havia conseguido algumas fotos maravilhosamente comprometedoras de um certo ator gay muito famoso traindo seu namorado com – pasmem! – uma mulher. O guarda-costas do ator arrancou a câmera das mãos do fotógrafo e destruiu o cartão de memória. Depois disso, Ray instalara um recurso de envio digital em sua máquina – algo parecido com o que a maioria das pessoas tem nas câmeras de seus celulares –, que mandava as fotos do cartão de memória por e-mail automaticamente a cada 10 minutos.

– É por isso que estou ligando – disse Fester. – Preciso delas rápido. Escolha cinco e me mande por e-mail ainda hoje. O pai de Ira quer nosso novo peso de papel em formato de cubo com fotos da festa assim que for possível.

No telejornal, a câmera enquadrava a “moça do tempo”, uma gostosona que usava um suéter vermelho apertado. Chamariz de audiência. Os olhos de Ray começaram a se fechar enquanto a beldade terminava de explicar a fotografia de satélite e passava a bola para o âncora de cabelo arrumadinho demais.

- Ray?
- Cinco fotos para um peso de papel em formato de cubo.
- Isso mesmo.
- Um cubo tem seis lados – disse Ray.
- Uau, que gênio da matemática. O sexto lado é para o nome, a data e uma estrela de davi.
- Beleza.
- Preciso disso para ontem.
- Pode deixar.
- Então está tudo nos conformes – disse Fester. – Quer dizer, exceto pelo fato de que, sem a sua câmera, você não vai poder fazer o trabalho de George Queller amanhã. Mas não se preocupe, eu arranjo outra pessoa.
- Agora, sim, vou conseguir dormir em paz.
- Muito engraçado, Ray. Me mande as fotos. Depois descanse.
- Estou comovido com sua preocupação, Fester.

Os dois desligaram. Ray se recostou no sofá-cama. O remédio estava fazendo um efeito maravilhoso. Ele quase sorriu. Na TV, o âncora assumiu seu tom de voz mais grave e disse:

– Um morador da região, de nome Carlton Flynn, encontra-se desaparecido. Seu carro foi encontrado abandonado com a porta aberta próximo ao píer...

Ray abriu um olho para ver. A foto de um rapaz de cabelo preto arrepiado com as pontas descoloridas e uma argola em uma das orelhas estava na tela. Ele mandava um beijinho para a câmera. A legenda abaixo do seu rosto dizia “Desaparecido”, quando provavelmente deveria dizer “Otário”. Ray franziu a testa. Uma vaga preocupação passou pela sua cabeça, mas àquela altura já não era capaz de processá-la. Todo o seu corpo implorava por uma noite de sono, mas, se ele não enviasse aquelas cinco fotografias, Fester voltaria a telefonar, e quem precisava disso? Com grande esforço, Ray conseguiu se levantar. Arrastou-se até a mesa da cozinha, ligou seu laptop e se certificou de que as fotos tinham de fato sido enviadas para o seu computador.

Lá estavam elas.

Algo o cutucava bem no fundo da sua mente, mas Ray não conseguia identificar o quê. Podia não ser nada de mais. Ou talvez estivesse prestes a se lembrar de algo muito importante. Ou, ainda, o que era mais provável, a pancada do taco de beisebol podia ter arrancado pequenos fragmentos do seu crânio que agora literalmente arranhavam seu cérebro.

As fotografias do bar mitzvah apareceram na tela, começando pela última. Ray correu os olhos rapidamente pelas miniaturas e escolheu uma imagem da dança,

uma da família, uma da leitura da Torá, uma com o rabino, uma da avó de Ira dando-lhe um beijo na bochecha.

Lá estavam as cinco. Ele as anexou a um e-mail para Fester e clicou no botão enviar. Pronto.

Ray estava tão cansado que não sabia ao certo se conseguiria levantar da cadeira e chegar até a cama. Cogitou simplesmente apoiar a cabeça na mesa e tirar um cochilo quando se lembrou das outras fotografias no cartão de memória, as que havia tirado mais cedo naquele dia, antes do bar mitzvah.

Uma sensação esmagadora de tristeza invadiu seu peito.

Ele tinha voltado àquele maldito parque e tirado fotos. Era uma burrice, mas fazia isso todos os anos. Não sabia dizer por quê. Ou talvez soubesse, o que só piorava as coisas. A lente da câmera lhe oferecia distanciamento, perspectiva, fazia com que se sentisse seguro de alguma forma. Podia ser isso. Talvez ver aquele lugar terrível por esse ângulo estranhamente reconfortante pudesse mudar de alguma forma o que, por motivos óbvios, jamais poderia ser mudado.

Ray olhou para as fotos que havia tirado mais cedo na tela do computador – e foi então que se lembrou de outra coisa.

Um cara com as pontas do cabelo descoloridas e uma argola na orelha.

Dois minutos depois, encontrou o que procurava. Seu corpo inteiro gelou quando se deu conta do que havia acontecido.

O assaltante não queria a câmera. Ele queria a fotografia.

Aquela fotografia.

capítulo 2

MEGAN PIERCE ESTAVA VIVENDO o sonho de ser uma mãe de família dos subúrbios, e odiava cada minuto.

Ela fechou a geladeira de última geração e olhou para os dois filhos pela janela da sacada onde a família tomava o café da manhã. As janelas ofereciam, nas palavras do arquiteto, a “indispensável luz da manhã”. A cozinha recém-reformada também contava com eletrodomésticos e utensílios de primeira qualidade, e tinha uma bancada de mármore no meio que se comunicava perfeitamente com a sala de estar, equipada com uma televisão de tela grande, poltronas reclináveis com porta-copos e caixas de som em quantidade suficiente para comportar um show de rock.

No quintal, Kaylie, a filha de 15 anos, implicava com Jordan, seu irmão mais novo. Megan bufou e abriu a janela.

– Pare com isso, Kaylie.

– Eu não fiz nada!

– Eu estava bem aqui olhando vocês.

Kaylie colocou as mãos na cintura. Quinze anos, aquele período problemático da adolescência, entre a infância e a idade adulta, quando o corpo e os hormônios estão apenas começando a entrar em ebulição. Megan lembrava muito bem.

– O que você viu? – perguntou Kaylie, desafiadora.

– Você implicando com seu irmão.

– É impossível você ter ouvido alguma coisa aí de dentro. Eu posso muito bem ter dito “Eu te amo, Jordan”.

– Mas não foi isso que ela disse! – gritou o caçula.

– Eu sei que não – falou Megan.

– Ela me chamou de mané e disse que eu não tenho nenhum amigo!

Megan suspirou.

– Kaylie...

– Eu não falei nada disso!

Megan simplesmente olhou feio para ela.

– É a palavra dele contra a minha – protestou a garota. – Por que você sempre fica do lado dele?

Megan pensou que toda criança é um advogado em potencial, sempre tentando encontrar brechas na lei, exigindo uma quantidade impossível de provas e protestando até mesmo ao menor dos detalhes.

– Você tem treino hoje à noite – disse Megan para a filha.

Kaylie jogou a cabeça para trás, demonstrando má vontade.

– Preciso mesmo ir?

– Você assumiu um compromisso com o time, mocinha.

Por mais que estivesse dizendo aquilo, e por mais que já tivesse falado coisas parecidas zilhões de vezes, ela ainda não conseguia acreditar que as palavras estavam saindo de sua própria boca.

– Mas eu não quero ir – resmungou a menina. – Estou muito cansada. E eu ia sair com a Ginger mais tarde, lembra, pra...

Kaylie talvez tivesse dito mais alguma coisa, mas Megan lhe deu as costas, sem demonstrar muito interesse. Na sala de estar, seu marido, Dave, estava esparramado na poltrona, com um conjunto de moletom cinza. Ele assistia a alguma entrevista de gosto duvidoso com o mais recente astro de cinema decadente. Nela, o ator se vangloriava a respeito do número de mulheres que tinha levado

para a cama e sobre a época em que se dava bem em boates de striptease. O homem estava frenético, com os olhos arregalados, claramente sob o efeito de alguma substância que conseguira com a ajudinha de um médico generoso e seu receituário.

De seu lugar na poltrona, Dave balançou a cabeça, enojado.

– Aonde este mundo vai parar? – falou ele, gesticulando para a tela. – Dá pra acreditar nesse babaca? Que idiota.

Megan balançou a cabeça, contendo um sorriso. Anos atrás, ela havia conhecido muito bem esse tipo de idiota. Biblicamente, inclusive. O Idiota era na verdade um cara bastante simpático, que dava boas gorjetas, gostava de sexo a três e chorava como um bebê quando bebia demais.

Mas isso tinha sido há muito tempo.

Dave se virou e deu um sorriso enorme para ela.

– Oi, amor.

– Oi.

Ele ainda lhe sorria como se a estivesse vendo pela primeira vez, e Megan novamente teve a certeza de que era uma felizarda, de que deveria se sentir grata. Aquela era sua vida agora. Sua antiga existência – sobre a qual ninguém naquela terra encantada de ruas sem saída, boas escolas e mansões cafonas sabia – agora estava morta e enterrada.

– Quer que eu leve Kaylie para o futebol? – perguntou Dave.

– Não, pode deixar.

– Tem certeza?

Megan assentiu. Nem mesmo Dave sabia a verdade sobre a mulher com quem dividia a cama havia 16 anos. Nem sequer conhecia seu verdadeiro nome, que era, por estranho que pareça, Maygin. A pronúncia era a mesma, mas para computadores e documentos de identidade só importava o que estava escrito. Ela bem que gostaria de ter perguntado à mãe o motivo da grafia esquisita, mas a mulher havia morrido antes que Megan aprendesse a falar. Ela ficou órfã cedo, teve uma infância difícil, acabou trabalhando como stripper – primeiro em Las Vegas e depois em Atlantic City –, deu o passo seguinte e adorou a experiência. Sim, adorou. Era divertido, excitante e eletrizante. Tinha sempre alguma novidade acontecendo, uma sensação constante de perigo, de possibilidades, de paixão.

– Mãe?

Era Jordan.

– Sim, querido?

– A Sra. Freedman disse que você não assinou a autorização para a excursão da escola.

- Vou mandar um e-mail para ela.
- Ela falou que o prazo era até sexta.
- Não se preocupe com isso, está bem, querido?

Jordan precisou de mais alguns instantes para se acalmar, mas acabou conseguindo.

Megan sabia que deveria se sentir grata. As garotas costumavam morrer cedo na sua antiga vida. Tudo naquele mundo – cada emoção, cada segundo – era intenso demais, como se a vida fosse elevada à décima potência, o que não combinava com longevidade. Você se esgota emocionalmente. Começa a usar drogas. Existe algo de inebriante nesse tipo de atitude. Mas também existe um perigo inerente ao próprio estilo de vida. Quando a situação finalmente fugiu ao seu controle, quando sua vida passou a correr perigo, ela encontrou uma maneira não só de escapar, mas também de recomeçar totalmente do zero, de renascer, com um marido apaixonado, filhos lindos, uma casa com quatro quartos e uma piscina no quintal.

De alguma maneira – quase por acidente, na verdade –, Megan Pierce havia saído das profundezas do esgoto e ido parar bem no meio do mais perfeito sonho americano. Para salvar a própria pele, ela havia se mantido na linha e quase convencera a si mesma de que aquele era o melhor dos mundos. E por que não? Durante toda a sua existência, nos filmes e na TV, Megan, como todo mundo, tinha sido soterrada por imagens que afirmavam que sua vida antiga era errada, imoral e efêmera – enquanto a vida em família, a casa e o quintal com cerca de madeira eram desejáveis, adequados, celestiais.

Mas a verdade era a seguinte: Megan sentia falta de sua vida antiga. Por mais que não devesse. Tinha que se sentir agradecida pelo fato de, contra todas as probabilidades e apesar do caminho destrutivo que escolhera, ter enfim conseguido alcançar o que era o sonho de qualquer garota. Mas o fato, que ela havia levado anos para admitir, era que Megan ainda ansiava por aqueles quartos escuros, pelos olhares lascivos e famintos de estranhos, pela música repetitiva e pulsante, pelas luzes alucinantes, pelos picos de adrenalina.

E agora?

Dave zapeava a TV.

- Então você não se importa de levá-la? Está passando um jogo ótimo.

Kaylie revirava sua bolsa de ginástica.

- Mãe, cadê meu uniforme? Você lavou?

Jordan, abrindo a geladeira:

- Você pode fazer um queijo-quente para mim? Mas não quero com aquele pão integral, não.

Ela os amava. De verdade. Mas havia momentos, como hoje, em que percebia que, depois de passar a juventude se equilibrando na corda bamba, ela havia se acomodado a uma rotina doméstica de uma mesmice atordoante, forçada a representar o mesmo papel todos os dias, sempre com os mesmos atores. Megan se perguntava por que precisava ser assim, por que somos forçados a escolher um só caminho. Por que insistimos que só pode haver um “eu”, uma vida que nos define por completo? Por que não podemos ter mais de uma identidade? E por que precisamos destruir um tipo de existência para criar outro? Estamos constantemente falando sobre como queremos libertar as diversas facetas que há dentro de nós, mas essa diversidade só existe nas aparências. Na verdade, fazemos tudo o que podemos para sufocar esse espírito, para nos conformarmos, para nos definirmos como uma coisa só e nada mais.

Dave voltou à entrevista do ator decadente.

– Olhe só esse cara – falou ele, balançando a cabeça.

Só de ouvir a voz frenética daquela celebridade, Megan voltou no tempo: a mão dele enroscada em sua calcinha, o rosto pressionado contra as costas dela, transfigurado e molhado de lágrimas.

“*Só você me entende, Cassie...*”

Sim, ela sentia falta. Será que isso era tão horrível assim?

Megan achava que não, mas a ideia não deixava de assombrá-la. Será que cometera um erro? Durante todos aqueles anos, ela havia mantido as lembranças, a vida de Cassie (pois ninguém usava o nome verdadeiro naquele mundo), guardadas em um quartinho no fundo de sua mente. Então, havia poucos dias, ela destrancara a porta e abrira apenas uma fresta. Tornara a fechá-la com violência na mesma hora e a trancara à chave. Mas aquela simples fresta, o simples fato de ter deixado Cassie vislumbrar o mundo que separava Maygin de Megan... Por que ela tinha tanta certeza de que isso teria consequências?

Dave se levantou do sofá e foi para o banheiro com o jornal enrolado debaixo do braço. Megan ligou a sanduicheira e foi procurar o pão branco. Quando abriu a gaveta, o telefone tocou, emitindo seu gorjeio eletrônico. Kaylie estava ao lado do aparelho, ignorando-o enquanto digitava uma mensagem de texto no celular.

– Pode atender? – perguntou Megan.

– Não é para mim.

Kaylie conseguia pegar e atender seu celular como uma rapidez impressionante, mas o telefone fixo, cujo número era desconhecido da comunidade adolescente de Kasselton, não lhe despertava o menor interesse.

– Atenda, por favor.

– Pra quê? Eu só vou ter que dar o fone para você.

Jordan, que na tenra idade de 11 anos sempre queria manter a paz, tirou o fone do gancho.

– Alô?

Ele ficou escutando por alguns instantes e então disse:

– É engano. – Então acrescentou algo que fez Megan sentir um frio na espinha. – Não mora nenhuma Cassie aqui.

Inventando alguma desculpa de que as empresas de entrega sempre confundiam seu nome – e sabendo que, de qualquer forma, seus filhos eram tão incrivelmente autocentrados que nem sequer a questionariam –, Megan pegou o telefone das mãos de Jordan e foi para outro cômodo.

Levou o aparelho ao ouvido e então escutou uma voz que não escutava havia 17 anos:

– Desculpe ligar assim, do nada, mas acho que precisamos nos encontrar.



Megan deixou Kaylie no treino de futebol.

Levando-se em conta o telefonema bombástico, ela estava até bastante calma e serena. Parou o carro e se virou para a filha com a expressão mais inocente do mundo.

– O que foi? – perguntou a menina.

– Nada. A que horas acaba o seu treino?

– Não sei. Talvez eu saia com a Gabi e a Chuckie depois.

Talvez significava com certeza.

– Para onde vocês vão?

– Pro centro – respondeu ela, dando de ombros.

A típica resposta vaga de adolescente.

– Onde no centro?

– Não sei, mãe – falou Kaylie, acrescentando uma pitada de exasperação na voz. Queria acabar logo com aquilo, mas também não queria irritar a mãe e ser proibida de sair. – Vamos só dar uma volta, está bem?

– Você já terminou seu dever de casa?

Megan odiou a si mesma no instante em que fez a pergunta. Não poderia ter soado mais “mãe”. Ergueu uma das mãos e falou:

– Deixe para lá. Pode ir. Divirta-se.

Kaylie olhou para a mãe como se não a estivesse reconhecendo. Então deu de ombros, saiu do carro e foi embora. Megan ficou observando, como sempre. Não importava que Kaylie já tivesse idade suficiente para entrar no campo so-

zinha. Megan precisava ficar olhando até ter certeza de que sua filha estava em segurança.

Dez minutos depois, ela encontrou uma vaga atrás da Starbucks. Conferiu seu relógio. Faltavam 15 minutos para a hora marcada.

Pediu um café com leite e se dirigiu a uma mesa nos fundos. À sua esquerda, um grupo de mães de primeira viagem – maldormidas, com as roupas manchadas, delirantemente felizes, todas com um bebê a tiracolo – conversava sem parar. Elas falavam sobre os melhores carrinhos de bebê do momento, quais cercadinhos dobravam com mais facilidade e por quanto tempo deveriam amamentar. Discutiam o tipo de madeira e de piso ideais para parquinhos, qual a idade certa para tirar a chupeta e quais as cadeirinhas de carro mais seguras. Comparavam os tipos de *baby slings*. Uma delas se gabava de que seu filho, Toddy, era “muito sensível às necessidades das outras crianças, mesmo tendo apenas um ano e meio”.

Megan sorriu, desejando poder ser como elas novamente. Ela havia adorado aquela fase “mãe de primeira viagem”, mas, como tantas outras etapas da vida, depois você olha para trás e se pergunta onde estava com a cabeça ao gostar daquilo. Sabia o que viria em seguida para aquelas mães: escolher o jardim de infância certo como se fosse uma decisão de vida ou morte, esperar na fila para pegar os filhos na escola, levá-los para brincar na casa de crianças das melhores famílias, para as aulas de natação, de caratê, para os treinos de futebol, para o curso de francês, dar caronas constantes para eles e seus amigos. A felicidade se transformava em estresse e o estresse, em rotina. O marido, que antes era compreensivo, ia ficando cada vez mais rabugento porque a vida sexual ainda não tinha voltado a ser o que era antes da gravidez. Aquele casal que costumava aproveitar qualquer oportunidade para dar uma rapidinha agora mal se olhava ao tirar a roupa um na frente do outro. Você acha que essas coisas não têm tanta importância – que são naturais e inevitáveis –, mas vocês se afastam. Continuam se amando, de certo modo mais do que nunca, mas o fato é que se afastam e não tentam evitar isso, ou nem sequer percebem que está acontecendo. Tornam-se pais em tempo integral, enquanto seus mundos se reduzem ao tamanho e aos limites de seus filhos e tudo transpira gentileza, união e carinho – o que é ao mesmo tempo enlouquecedor, sufocante e enfadonho.

– Ora, ora, ora.

A voz familiar fez Megan sorrir imediatamente. Ela ainda tinha o mesmo tom áspero e sexy que soava a uísque, cigarros e noites em claro, e cada frase tinha um quê de sarcasmo e duplo sentido.

– Olá, Lorraine.

Lorraine abriu um sorriso torto. Seu cabelo era de um louro malpintado e comprido demais. Ela era alta, carnuda e curvilínea, e fazia questão de que as pessoas vissem isso. Usava roupas que pareciam dois números abaixo do seu, mas o estilo funcionava para ela. Depois de todos aqueles anos, ainda chamava atenção. Até as mães pararam para olhá-la com um quê de asco. Lorraine devolveu-lhes o olhar com uma expressão de quem sabia o que elas estavam pensando e onde exatamente poderiam enfiar esse pensamento. As mães se viraram para o outro lado.

– Você está ótima, garota – disse Lorraine.

Ela se sentou, transformando o gesto num espetáculo. Já fazia... sim, 17 anos. Lorraine havia sido anfitriã/gerente/barwoman/garçonete. Tinha vivido intensamente a vida, sem pedir desculpas a ninguém.

– Senti sua falta – disse Megan.

– É, eu percebi, com todos os cartões-postais que você me mandou.

– Sinto muito.

Lorraine descartou o pedido de desculpas com um gesto, como se o sentimento a incomodasse. Ela revirou a bolsa em busca de um cigarro. As mães da mesa ao lado pularam como se ela tivesse sacado um revólver.

– Porra, eu devia acender isto e ficar olhando enquanto elas saem correndo. Megan se inclinou para a frente.

– Desculpe perguntar, mas como você me encontrou?

O sorriso torto voltou ao seu rosto.

– Ora, querida, eu sempre soube onde você estava. Tenho olhos em toda parte, você sabe disso.

Megan queria fazer mais perguntas, mas algo no tom de voz de Lorraine lhe disse para deixar para lá.

– Olhe só pra você – disse a mulher. – Casada, com filhos, uma casa enorme. Vi um monte de carrões brancos no estacionamento. Algum deles é seu?

– Não. O meu é preto.

Lorraine assentiu como se a resposta significasse alguma coisa.

– Fico feliz que você tenha conseguido tudo isso, mas posso ser sincera? Sempre achei que você fosse ficar naquela vida até o fim, sabe? Como eu.

Então soltou uma risadinha e balançou a cabeça.

– Eu sei – disse Megan. – Também fiquei um pouco surpresa comigo mesma.

– É claro que nem sempre as garotas voltam a andar na linha por vontade própria. – Lorraine desviou o olhar, como se esse fosse um comentário casual. As duas sabiam que não. – Até que nós nos divertimos, não foi?

– Foi.

– Eu ainda me divirto – completou ela. – Isso aí – prosseguiu, indicando as mães com os olhos – eu até admiro e tal. Mas sei lá. Não é para mim. – Ela deu de ombros. – Talvez eu seja muito egoísta. Parece até que eu sofro de transtorno do déficit de atenção ou coisa parecida. Preciso de algo que me estimule.

– Crianças podem ser estimulantes, acredite.

– Ah, é? – disse Lorraine, claramente sem acreditar. – Bem, fico feliz em ouvir isso.

Megan não sabia bem como continuar a conversa.

– Você ainda trabalha no La Crème?

– Trabalho. Servindo no bar, basicamente.

– Então por que me ligou assim, de repente?

Lorraine brincou com seu cigarro apagado. As mães voltaram a conversar sobre futilidades, mas com menos entusiasmo. Lançavam olhares sorrateiros para Lorraine o tempo todo, como se ela fosse algum tipo de vírus inoculado em seu organismo com a intenção de destruí-lo.

– Como disse antes, eu sempre soube onde você estava. Mas nunca contaria a ninguém. Você sabe disso, não sabe?

– Sim, eu sei.

– E também não queria incomodá-la agora. Você escapou. A última coisa que eu iria querer seria arrastá-la de volta.

– Mas...?

Lorraine olhou dentro dos seus olhos.

– Alguém viu você. Ou, melhor dizendo, Cassie.

Megan se remexeu em sua cadeira.

– Você tem aparecido no La Crème, não tem?

Megan ficou calada.

– Ei, eu entendo. De verdade. Se ficasse andando com essas belezinhas o dia inteiro – disse Lorraine, apontando com o polegar para o grupo de mães barulhentas –, daria um braço por uma noitada ou outra.

Megan baixou os olhos para seu café com leite como se ele pudesse lhe dar uma resposta. Ela realmente tinha voltado ao La Crème, mas apenas uma vez. Duas semanas atrás, perto do aniversário da sua fuga, ela havia ido a Atlantic City para participar de um curso de treinamento e de uma feira comercial. Agora que as crianças estavam ficando mais velhas, Megan decidira procurar um emprego no setor imobiliário. Tinha dedicado boa parte dos últimos anos a procurar modos de se ocupar: já havia tentado um personal trainer, aulas de ioga, cerâmica e, por fim, um grupo de escrita de memórias que, no caso de Megan, tinham sido ficção, é claro. Cada uma dessas atividades tinha sido uma tentativa

desesperada de encontrar aquele vago sentimento de “realização” procurado por aqueles que têm tudo o que desejam. Na verdade, pessoas como essas olham para cima quando talvez devessem olhar para baixo: buscam iluminação espiritual quando a resposta provavelmente está – como Megan sabia – nos aspectos mais básicos e primitivos de suas vidas.

Se alguém lhe perguntasse, Megan diria não ter planejado nada daquilo. Tinha agido por impulso, nada de mais, mas, em sua segunda noite hospedada no Tropicana, a apenas dois quarteirões do La Crème, ela vestiu sua roupa mais apertada e foi à boate.

– Você me viu? – perguntou a Lorraine.

– Não. E imagino que você também não tenha me procurado.

Havia mágoa na voz de Lorraine. Megan tinha visto sua velha amiga atrás do bar e decidira não ir falar com ela. A boate era grande e estava escuro. As pessoas gostavam de desaparecer em lugares daquele tipo. Era fácil não ser visto.

– Não tive a intenção... – começou Megan, parando em seguida. – Mas então quem me viu?

– Não sei. Mas é verdade?

– Foi só uma vez – argumentou Megan.

Lorraine ficou calada.

– Não estou entendendo. Qual é o problema? – perguntou Megan.

– Por que você voltou?

– Que importância tem isso?

– Para mim, nenhuma – falou Lorraine. – Mas um tira descobriu. O mesmo que está procurando você há todos esses anos. Ele nunca desistiu.

– E agora você acha que ele vai me encontrar?

– É – disse Lorraine. – Acho bem provável.

– Então você veio até aqui para me alertar.

– Pode-se dizer que sim.

– E o que mais?

– Não sei o que aconteceu naquela noite – prosseguiu –, e não quero saber. Sou feliz. Adoro minha vida. Faço o que gosto, com quem eu gosto. Não me meto na vida dos outros, está entendendo o que estou dizendo?

– Estou.

– E posso estar viajando. Afinal, você sabe como a boate é escura. E quanto tempo faz? Dezessete anos? Então, posso ter me enganado. Foi só por um instante, mas até onde sei aquilo aconteceu na mesma noite em que você foi lá. Mas, com você de volta e outra pessoa desaparecida...

– Que história é essa, Lorraine? O que você viu?

Lorraine ergueu os olhos e engoliu em seco.

– Stewart – disse ela, ainda brincando com o cigarro apagado. – Acho que vi Stewart Green.

capítulo 3

COM UM PESADO SUSPIRO, o detetive Broome se aproximou da casa amaldiçoada e tocou a campainha. Sarah abriu a porta e, mal olhando para ele, disse:

– Pode entrar.

Broome limpou os pés no capacho, encabulado. Tirou seu velho agasalho e o pendurou no braço. Nada dentro da casa havia mudado ao longo de todos aqueles anos. As luminárias antiquadas, o sofá de couro branco, a velha poltrona reclinável no canto – tudo igual. Até mesmo as fotografias sobre o console da lareira continuavam as mesmas. Durante um bom tempo, no mínimo cinco anos, Sarah deixara os chinelos do marido ao lado daquela velha poltrona. Já não estavam mais lá, mas o móvel, sim. Ele se perguntou se alguém alguma vez se sentava ali.

Era como se a casa se recusasse a seguir em frente, como se as paredes e o teto estivessem de luto, esperando. Ou talvez aquilo fosse apenas um mecanismo de defesa. As pessoas precisavam de respostas. Precisavam de um desfecho. A esperança, Broome sabia muito bem, pode ser uma coisa maravilhosa. Mas também pode arrasar alguém dia após dia. A esperança pode ser a coisa mais cruel do mundo.

– Você perdeu o aniversário – disse Sarah.

Broome fez que sim com a cabeça. Ainda não se sentia preparado para lhe dizer por quê.

– Como estão as crianças? – perguntou ele.

– Bem.

Os filhos de Sarah já eram praticamente adultos. Susie era caloura na Universidade Bucknell e Brandon estava terminando o ensino médio. Eles ainda eram bebês quando seu pai desaparecera, arrancado daquele lar perfeito para nunca mais ser visto por nenhum de seus entes queridos. Broome nunca havia conseguido solucionar o caso. Também nunca havia desistido dele. Não deveria ter se envolvido pessoalmente. Sabia disso. Mas foi o que fez. Tinha ido às apresentações de dança de Susie. Tinha ensinado Brandon a jogar futebol. E certa vez, 12 anos antes, para sua grande vergonha, tinha até bebido demais com Sarah e, bem, passado a noite com ela.

– Como vai o novo emprego? – perguntou Broome.

– Bem.

– Sua irmã já está vindo?

– Está – respondeu Sarah com um suspiro.

Ela ainda era uma mulher atraente. Tinha pés de galinha nos cantos dos olhos e as linhas ao redor de sua boca haviam se aprofundado com o passar dos anos, mas a idade faz bem a algumas mulheres, e Sarah era uma delas.

Ela também havia sobrevivido a um câncer, mais de 20 anos atrás. Contara isso a Broome assim que eles se conheceram, sentados naquela mesma sala, quando ele apareceu para investigar o desaparecimento. Na época, lhe explicou que havia sido diagnosticada quando estava grávida de Susie. Se não fosse pelo seu marido, segundo ela, não teria sobrevivido. Queria que Broome entendesse isso. Quando o prognóstico se revelou desfavorável, quando a quimioterapia fez Sarah começar a vomitar constantemente, quando ela perdeu o cabelo e a beleza, quando seu corpo começou a se deteriorar, quando ninguém, nem ela própria, tinha mais esperanças (essa palavra novamente), ele – somente ele – ficou do seu lado.

O que provava mais uma vez que não há explicação para as complexidades e hipocrisias da natureza humana.

Ele ficava acordado para cuidar dela. Apoiava sua testa enquanto Sarah vomitava no meio da madrugada. Dava-lhe os remédios, beijava seu rosto, segurava seu corpo trêmulo e fazia com que ela se sentisse amada.

Ela havia olhado dentro dos olhos de Broome e lhe contado tudo isso porque queria que ele ficasse no caso até o fim, que nem sequer cogitasse a hipótese de seu marido ter fugido, que se envolvesse pessoalmente e encontrasse a alma gêmea dela, pois Sarah não conseguiria viver sem ele.

Dezessete anos depois, embora tivesse descoberto algumas duras verdades, Broome permanecia ali. E o paradeiro do marido e alma gêmea de Sarah continuava um grande mistério.

Broome ergueu os olhos para ela.

– Bom saber – falou, ouvindo na própria voz o tom de enrolação. – Que sua irmã está vindo, quero dizer. Sei quanto você gosta de tê-la por perto.

– Sim, é ótimo – concordou Sarah, sem a menor emoção na voz. – Broome?

– Sim?

– Você está me enrolando.

Ele olhou para as próprias mãos.

– Só estava tentando ser simpático.

– Não. Tentar ser simpático não faz seu estilo, Broome. E você nunca enrola as pessoas.

– Tem razão.

– Então...?

Apesar de toda a decoração – a tinta amarela nas paredes, as flores recém-colhidas –, tudo o que Broome conseguia ver era a degradação. Os anos de incerteza haviam devastado a família. As crianças tiveram anos difíceis – Susie havia sido presa duas vezes por dirigir embriagada e Brandon tinha sido flagrado com drogas. Broome ajudara a limpar a barra dos dois. A casa ainda se encontrava como se o pai deles tivesse desaparecido no dia anterior – congelada no tempo, aguardando seu retorno.

Os olhos de Sarah se arregalaram um pouco, como se ela de repente tivesse entendido algo doloroso.

– Você encontrou...?

– Não.

– O que foi, então?

– Pode não ser nada – falou Broome.

– Mas...?

Broome se sentou, apoiando os cotovelos nas coxas, a cabeça entre as mãos. Respirou fundo e encarou os olhos angustiados de Sarah.

– Outro homem da região está desaparecido. Talvez você tenha visto no noticiário. O nome dele é Carlton Flynn.

Sarah pareceu confusa.

– Quando você diz desaparecido...

– Assim como aconteceu com... – Ele se deteve. – Num dia ele estava tocando sua vida e no seguinte, puf, sumiu. Desapareceu completamente.

Sarah tentou processar o que ele dizia.

– Mas... como você me disse desde o início, as pessoas desaparecem, não é?

Broome assentiu.

– Às vezes por vontade própria – prosseguiu Sarah. – Às vezes, não. Mas acontece.

– Acontece.

– Então, 17 anos depois do desaparecimento do meu marido, outro homem, este tal de Carlton Flynn, some. Não vejo a ligação.

– Talvez não haja nenhuma – concordou Broome.

Sarah se aproximou dele.

– Mas...?

– Mas foi por isso que falei ao aniversário.

– Como assim?

Broome não sabia quanto mais deveria falar. Nem mesmo quanto sabia com

certeza até ali. Estava trabalhando numa teoria que lhe embrulhava o estômago e não o deixava dormir à noite, mas por enquanto não passava disso: uma teoria.

– O dia em que Carlton Flynn desapareceu – falou o detetive.

– O que tem ele?

– Foi por isso que eu não vim. Ele desapareceu no dia do aniversário. No dia 18 de fevereiro, exatamente 17 anos depois de seu marido.

Sarah pareceu espantada por um instante.

– Dezesete anos cravados?

– Exatamente.

– O que isso significa? Dezesete anos. Deve ser só coincidência. Se fossem cinco, ou 10... Mas 17?

Ele ficou calado, esperando alguns instantes para que Sarah tirasse suas próprias conclusões.

Por fim, ela disse:

– Então suponho que você tenha pesquisado outros desaparecimentos, certo? Para ver se existe um padrão.

– Isso mesmo.

– E...?

– Até onde sabemos, os dois são os únicos que desapareceram no dia 18 de fevereiro: seu marido e Carlton Flynn.

– Vocês têm certeza? – insistiu ela.

Broome deu um forte suspiro.

– No ano passado, no dia 14 de março, Stephen Clarkson, outro homem da região, foi dado como desaparecido. Três anos antes, no dia 27 de fevereiro, houve outro sumiço.

– Nenhum dos dois foi encontrado?

– Não.

Sarah engoliu em seco.

– Então talvez não seja o dia. Talvez sejam os meses de fevereiro e março.

– Acho difícil. Ou, pelo menos, achava. A questão é que os outros dois homens, Peter Breman e Gregg Wagman, podem ter desaparecido muito antes. Um era sem-teto e o outro, motorista de caminhão. Ambos solteiros, com poucos familiares. Se um sujeito desse tipo passa 24 horas sem voltar para casa, quem vai notar? Você notou, é claro. Mas se um cara é solteiro, divorciado ou viaja muito...

– Podem se passar dias ou semanas até a polícia ser notificada – concluiu Sarah.

– Ou até mais tempo.

- Então esses homens também podem ter desaparecido no dia 18 de fevereiro.
 - Não é tão simples – disse Broome.
 - Por que não?
 - Porque, quanto mais eu analiso, mais difícil fica determinar o padrão. Wagon, por exemplo, era de Buffalo, não daqui. Ninguém sabe onde ou quando ele desapareceu, mas consegui rastrear seus deslocamentos o suficiente para saber que ele poderia ter passado por Atlantic City em algum momento de fevereiro. Sarah refletiu sobre isso.
 - Você mencionou cinco homens, incluindo Stewart, ao longo dos últimos 17 anos. Tem mais algum?
 - Sim e não. Ao todo, encontrei nove homens que poderiam, com alguma boa vontade, se encaixar no padrão. Mas em alguns casos a teoria não se sustenta muito bem.
 - Por exemplo?
 - Dois anos atrás, um sujeito chamado Clyde Horner, que morava com a mãe, foi dado como desaparecido no dia 17 de fevereiro.
 - Então não é o dia 18 de fevereiro.
 - Provavelmente não.
 - Talvez seja o mês.
 - Talvez. Este é o problema com teorias e padrões: os dois levam tempo. Ainda estou reunindo provas.
- Os olhos de Sarah se encheram de lágrimas. Ela piscou para afastá-las.
- Não entendo. Como ninguém percebeu isso, com tantas pessoas assim desaparecendo?
 - Perceber o quê? – disse Broome. – Nem eu consigo ver com clareza ainda. Homens desaparecem o tempo todo. A maioria foge. Muitos desses caras estão falidos, não têm nada ou estão com os credores no pé deles... Então decidem começar uma vida nova. Vão para outras regiões do país. Às vezes mudam de nome. Às vezes, não. Em muitos casos... bem, ninguém os procura. Ninguém quer encontrá-los. Certa vez, uma mulher me implorou que eu não localizasse o marido dela. Ela tinha três filhos com o sujeito. Achava que ele tinha fugido com uma “piranha qualquer”, nas suas palavras, e que essa tinha sido a melhor coisa que poderia ter acontecido à família dela.
- Eles ficaram calados por alguns instantes.
- E antes? – perguntou Sarah.
- Broome sabia o que ela queria dizer, mas ainda assim falou:
- Antes?
 - Antes de Stewart. Alguém desapareceu antes do meu marido?

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



[facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br